

revista Cetesb  
de tecnologia

# ambiente

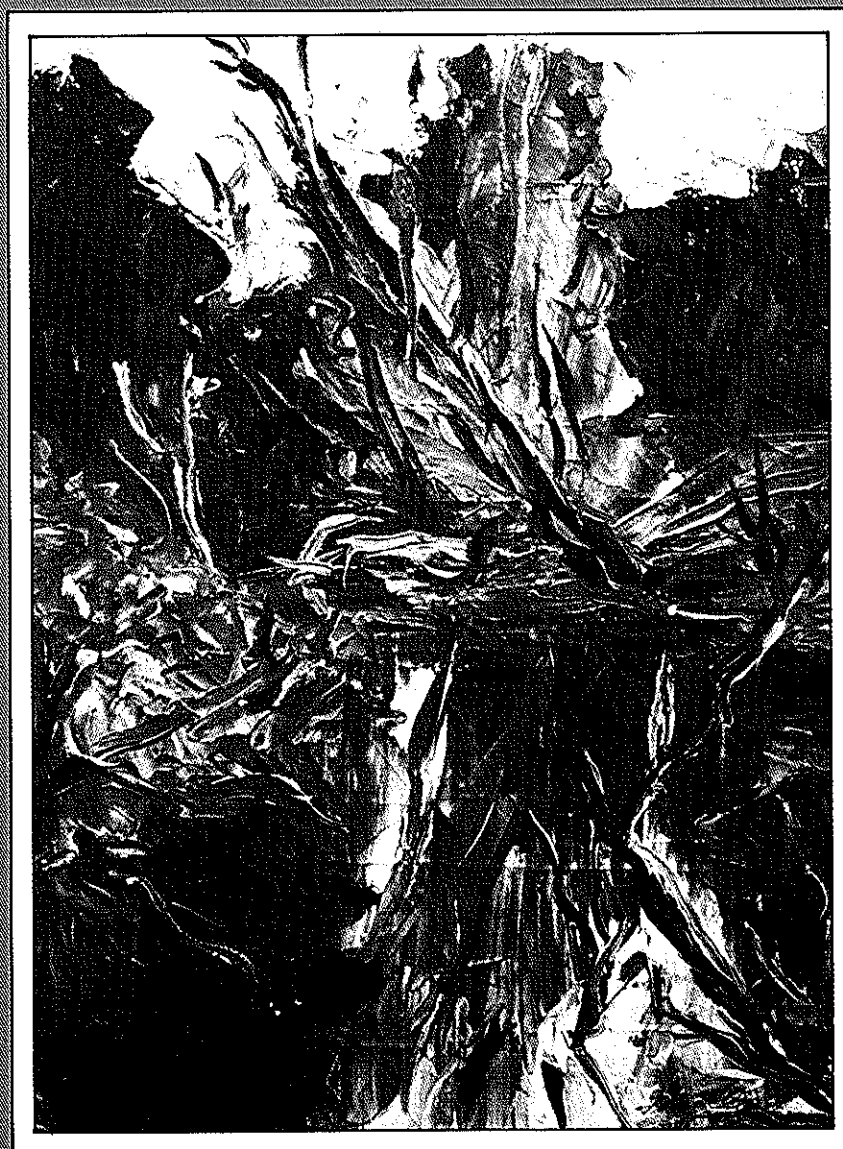
Volume 7 Número 1 1993

ISSN 0102-8685

Secretaria de Estado do Meio Ambiente



## Dispersão de efluentes e os padrões ambientais



Iberê Camargo fala sobre a arte e a cidadania

Reações da soja, a chuva ácida e solo contaminado

**GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO**  
**LUIZ ANTONIO FLEURY FILHO**  
*Governador*

**SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE**  
**ÉDIS MILARÉ**  
*Secretário*

**CETESB**  
Companhia de Tecnologia de Saneamento Ambiental  
Nelson Vieira de Vasconcelos  
*Diretor-Presidente*

Antonio Carlos Gomes  
*Diretor Administrativo e Financeiro*

Antonio Martins de Albuquerque  
*Diretor de Normas e Padrões Ambientais*

Walter Godoy dos Santos  
*Diretor de Controle da Poluição do Interior*

Lineu Rodrigues Alonso  
*Diretor de Controle da Poluição de Regiões Metropolitanas*

Carlos Pedro Jens  
*Diretor de Pesquisa e Desenvolvimento de Tecnologia*

José Maria Lopes  
*Diretor de Treinamento e Transferência de Tecnologia*

**Volume 7**

**nº 1**

**1993**

**ISSN 0102-8685**

**Secretaria de Estado  
do Meio Ambiente**

**CONSELHO EDITORIAL**

Adv. Edis Milaré  
Eng. Nelson Vieira de Vasconcelos  
Eng. Carlos Pedro Jens  
Eng. Lincoln Rodrigues Alonso  
Adv. José Maria Lopes  
Econ. Antônio Carlos Gomes  
Eng. Walter Godoy dos Santos  
Eng. João Roberto Rodrigues  
Sociól. Reginaldo Forti  
Eng. Agr.ª Antonia Pereira de Ávila Vio  
Biol. Yara Schaeffer Novelli  
Biol. Sérgio Roberto  
Prof. Samuel Murgel Branco  
Prof. João Antonio Galbiatti  
Prof. Aristides de Almeida Rocha  
Prof. Archimedes Perez Filho  
Prof. Hamilton Targa  
Eng. Ben Hur Luttembarck Batalha

**Ambiente** — Revista Cetesb de Tecnologia está indexada no Excerpta Médica, Elsevier Science Publishers B.V., no Repindex — Índice da Repindex — Red Panamericana de Información y Ciencias del Ambiente; no Ensic — Environmental Sanitation Information Service, do Asian Institute of Technology (Tailândia). É divulgada nos sumários correntes brasileiros: Ciências Exatas e Biológicas, do IBICT — Instituto Brasileiro de Informação, Ciência e Tecnologia do CNPq.

**EXPEDIENTE**

Departamento de Comunicação Social  
Nivaldo Montingelli Jr.  
Divisão de Interação Cultural e Ambiental  
Gerente: Enio Squell  
Núcleo de Pensamento Ambiental  
Ligia Levy e Roberto Mafra  
**Ambiente** — Revista CETESB de Tecnologia  
Editor-chefe: Newton Mizuho Miura (MTb. 9.457)  
Editora-executiva: Rosely Ferreira Martin  
Editor de arte: Fernando Nogueiro  
Revisão técnica: José Mauricio T. F. Costa  
Apoio administrativo: Severina N. Camilo, Simone Costa Augusto  
Diagramador: José Diniz  
Composição, fotolito e impressão: Imprensa Oficial do Estado S/A IMESP  
Redação: Av. Prof. Frederico Hermann Jr., 345 — 8º andar — sala 805, telefone (011) 210.1100, ramal 460, CEP 05489-900, São Paulo, SP.

Os conceitos emitidos nos artigos assinados nesta publicação são de responsabilidade exclusiva de seus autores. A redação solicita que lhe seja informada qualquer transcrição, referência ou apreciação dos artigos da revista.

**Ambiente** agradece a inestimável colaboração "ad hoc" dos seguintes especialistas: Eng. Nelson Luiz Rodrigues Nucci, Biol. Vilma Maria Cavinatto e Eng. Pedro Penteado, que se dedicaram à laboriosa tarefa de opinar sobre a qualidade dos trabalhos apresentados, para fins de seleção.

Capa: "Vista do Jaguarí"  
Pintor: Iberê Camargo  
Foto: Encida Serrano/Abril Imagens

# Sumário

Ambiente Mundial ..... 4

Editorial ..... 5

Entrevista: Iberê Camargo — Entre a arte e a cidadania ..... 6

Capa: Dispersão de efluentes e os padrões ambientais  
Elenita Gherardi-Goldstein, Eduardo Bertoletti, Pedro Antonio Zagatto,  
Silvio Nakahira, Junzo Inque ..... 12

Técnicas de recuperação de pingüins oleados  
Edison Barbieri, Carolus M. Vooren ..... 18

Avaliação de risco para homologar agrotóxicos  
Pedro Antonio Zagatto ..... 23

O uso do licenciamento como recurso gerencial  
Francisco G. Almeida Salgado, Marcelo Palhares ..... 29

Reações da soja à chuva ácida e solo contaminado  
Pedro Luís da C.A. Alves, Marco Antonio Oliva ..... 34

Desenvolvimento e meio ambiente sob nova ótica  
Héctor Raúl Muñoz Espinosa ..... 40

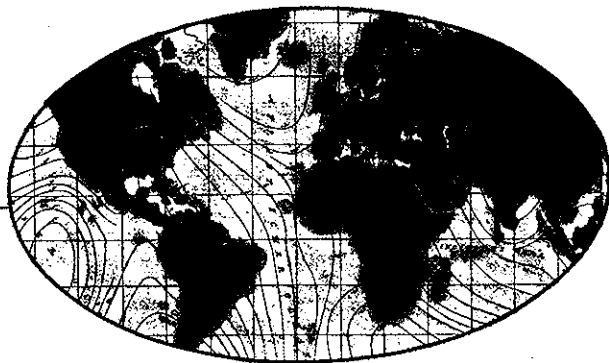
Teoria e prática sobre as Cadeias de Markov  
Milo Ricardo Guazzelli ..... 45

Mobilidade do mercúrio no Pantanal de Poconé  
Alexandre Pessoa da Silva, Nelson Luiz Schleder Ferreira, Marcello Mariz  
da Veiga, Helcias Bernardo de Pádua, Gercino Domingos da Silva, Evaldo  
Ferraz de Oliveira, Edinaldo de Castro e Silva, Salete Kiyoka Ozaki ..... 52

Uso de bioindicadores para monitoramento do ar  
José Francisco do Prado Filho ..... 58

Cartas ..... 65

Opinião: O natural e o tecnológico  
Edis Milaré ..... 66



## O manifesto de Heidelberg

Uma das manifestações mais controversas que precederam a reunião do Rio de Janeiro foi a de um grupo de cerca de 50 cientistas franceses, reunido em abril de 1992, em Heidelberg, para debater a "tendência das autoridades nacionais e internacionais de querer proteger a Terra da influência maléfica do homem e do progresso". O manifesto então resultante chamava a atenção dos Estados que se reuniram em junho, no Rio, para os riscos de uma ideologia "irracional opondo-se ao progresso científico e industrial" e lembrava que a humanidade "progrediu sempre colocando a natureza a seu serviço". Prevenia, finalmente, "as autoridades responsáveis pelo destino de nosso planeta contra toda decisão apoiada em argumentos pseudocientíficos". Esse manifesto, que depois de redigido por esse grupo foi engrossado ainda pela assinatura de mais de 200 outros cientistas da França, recebeu, entretanto, no próprio país, o repúdio de grandes personalidades do mundo científico, como o geneticista Langaney, o qual afirmou que esses "inconscientes de Heidelberg" fazem grande confusão entre "crescimento industrial, aumento de lucro e de PNB e desenvolvimento humano expresso em termos de satisfação de necessidades elementares de subsistência, de educação, cultura e conforto". Outros cientistas, como J. Robin, salientaram, também, a "confusão feita entre progresso científico e progresso industrial". Do outro lado, alguns eminentes signatários do documento, como o prêmio Nobel de química, J. M. Lehn, afirmaram que "é preciso que não se chegue, em nome da ecologia, a um totalitarismo que impediria todo o progresso". Outros colocaram-se em posição intermediária, como o conhecido geólogo Claude Allegre, alegando que, embora o manifesto de Heidelberg não seja perfeito, é fato que "os ecologistas de hoje são fundamentalmente anticientíficos".

O documento contrastou, entretanto, fortemente com a opinião dos 40 cientistas franceses que participaram da reunião do Rio, os quais assinaram outro manifesto onde constatam que "os efeitos previsíveis das alterações ambientais terão consequências planetárias" e que a "função da pesquisa científica não é a de ditar decisões, mas que esse processo resulta, em última análise, de posicionamentos políticos e da sociedade".

### Vitrificação de resíduos tóxicos

No simpósio sobre tecnologias inovadoras para tratamento de resíduos tóxicos, reunido em Atlanta, Estados Unidos, em setembro de

1992, os cientistas D. Wexell, M. Alexander e J.L. Stempin, do centro de pesquisa da empresa norte-americana Corning, apresentaram os primeiros resultados de laboratório de uma nova técnica para neutralização das cargas resultantes da incineração de produtos tóxicos, baseada na sua vitrificação, isto é, sua transformação em vidro mediante adição de compostos para assegurar a sua estabilidade final, e tratamento em um forno de vidraria. O ponto central dessa tecnologia reside numa "fusão a frio", em que a massa de cinzas é fundida mantendo, entretanto, uma temperatura relativamente baixa em sua superfície, de modo a formar uma crosta que impeça a disseminação de vapores devidos à volatilização dos metais tóxicos nas temperaturas atingidas pelos fornos em geral. Como de praxe, os detalhes da descoberta são protegidos por sigilo industrial.

### Biopesticidas

É bastante considerável o número de pesquisas que vem sendo realizado, nos últimos anos, no campo dos "biopesticidas", que tendem a substituir progressivamente os produtos tóxicos de efeitos ambientais e sanitários. A frequência com que as novas descobertas vêm sendo realizadas é atestada, por exemplo, pelas quase sistemáticas notícias a respeito, na conceituada revista francesa *La Recherche*. Os seus três últimos números (250, 251 e 252), respectivamente, dos meses de janeiro, fevereiro e março de 1993, trazem, sucessivamente, artigos sobre biopesticidas no controle de nematóides do solo, biopesticidas contra gafanhotos e bactérias no controle de mosquitos. O primeiro baseia-se na disseminação, no solo, de micélio cultivados de fungos ou esporos de bactérias parasitas dos vermes nematóides ou no emprego das toxinas elaboradas por esses microorganismos. Outra modalidade é a da extração de princípios ativos de plantas superiores, como a crotalaria e outras, que são tradicionalmente cultivadas, na África e no Brasil, pela sua propriedade nematocida. No controle dos gafanhotos vêm sendo empregadas com sucesso aplicações de esporos vivos de fungos como *Metarhizium* e *Beauveria* em suspensão oleosa, sobre os insetos adultos, que os transmitem às formas jovens. O fungo fixa-se à cutícula dos animais, formando um micélio que penetra e invade todo o corpo. Finalmente, no controle de mosquitos como o *Culex quinquefasciatus*, que, além de incômodos, podem transmitir filariose, vêm sendo utilizadas, em Cameroun, África, suspensões de bactérias da espécie *Bacillus*

*sphaericus* que, pulverizadas nos criadouros potenciais (bueiros, fossas sépticas, poças d'água), proliferam rapidamente nas larvas, mantendo-se ativas no criadouro mesmo após a morte destas. A mesma bactéria tem se mostrado eficaz no controle do *Culex pipiens*, que é a espécie de pernilongo mais comum na Europa e na América.

### A "morte branca" dos corais da Polinésia

De dois anos para cá, uma trágica ocorrência vem sendo observada nos bancos corais de inúmeras ilhas do Pacífico e das Caraíbas: a sua morte, após um período de intenso "florescimento", caracterizado, de início, pela aquisição de cores mais vivas que o normal (azul, rosa, amarelo fluorescente), seguida de completa descoloração no espaço de poucos dias a algumas semanas. Os cientistas que vêm se dedicando ao estudo do fenômeno admitem que a causa desse branqueamento, que provoca a morte de corais (normalmente esverdeados) de diversas espécies diferentes, deve estar relacionada com o metabolismo das algas microscópicas — as zooxantelas —, que vivem normalmente associadas a eles. Os corais, que dependem da fotossíntese realizada por essas algas para sua própria nutrição, estão, atualmente, expulsando-as de suas colônias. Com a expulsão dos organismos verdes, aparecem pigmentos naturais do coral que antes estavam mascarados pela clorofila. Esse curioso fenômeno de expulsão e consequente morte dos corais, está sendo associado à ocorrência de fenômenos climáticos relacionados com as correntes quentes do "El Niño", nas costas peruanas, causando anomalias térmicas de 3 a 5° C. As correlações entre aumento de temperatura e morte dos corais são de natureza estatística e não fisiológica, desconhecendo-se, pois, o tipo de efeito que o calor poderia exercer sobre o coral ou sobre zooxantelas. Para alguns pesquisadores, a anomalia seria causada não por excesso de calor, mas por outras radiações solares, como os raios ultravioletas. Sabe-se que os corais possuem um sistema de proteção contra as radiações ultravioletas, baseado na produção de seus próprios "filtros solares". Entretanto, não estão capacitados para neutralizar intensidades maiores do que as normais. Esses estudos vêm abrindo debates interessantes e oportunos sobre o papel da civilização no processo: se a morte dos corais for devida ao aumento de temperatura, é possível responsabilizar-se o "efeito de estufa"; se a causa for um excesso de ultravioleta, a culpa será dos clorofluorcarbonetos e outros gases destruidores da camada de ozônio.

(Fonte: *La Recherche*, julho/agosto de 1992)

---

## EDITORIAL

---

# Jubileu do Futuro

Os 25 anos de existência da CETESB remetem-nos a um projeto modesto. Com efeito, foi em 1968 que surgiu em São Paulo o Centro Tecnológico de Saneamento Básico, de onde emergiria o primeiro programa de controle da poluição com a função precípua de manter os corpos de água como mananciais de abastecimento. Já, então, a fiscalização da poluição causada pelas usinas produtoras de açúcar, curtumes e outros era de responsabilidade daquilo que viria a se transformar na CETESB. Justifica-se, pois, nosso orgulho, ao constataremos, apenas 25 anos depois, que tenhamos sido guindados a um reconhecimento de excelência internacional e nacional como órgão de referência técnica.

Por aí, igualmente, nada de estranho que tais conquistas se tenham dado no rastro de um caminho que, já nos primórdios da Companhia, aglutinava tanto a atribuição do controle da poluição do ar quanto um procedimento de suma eficácia que nasce com a Lei 977 — a ação preventiva; a partir daquele momento tínhamos o respaldo tecnológico e social para concedermos licenciamentos industriais.

Atualmente, com um quadro de técnicos que justifica a posição de um dos seis laboratórios de referência da Organização Mundial de Saúde, para medir a qualidade das águas, é a CETESB peça fundamental na despoluição do Tietê. A isso pode-se somar, dentre outros, a contribuição da Companhia tanto para o desenvolvimento e transferência de tecnologia de processos industriais limpos como para a adoção de técnicas que utilizem a biotecnologia — a qual, como se sabe, se constitui hoje em ferramenta para os desafios da modernidade.

É, a propósito, com este cabedal que nos vemos credenciados para cumprir nossa parte nos próximos 25 anos.

**Nelson Vieira de Vasconcelos**  
Presidente da CETESB



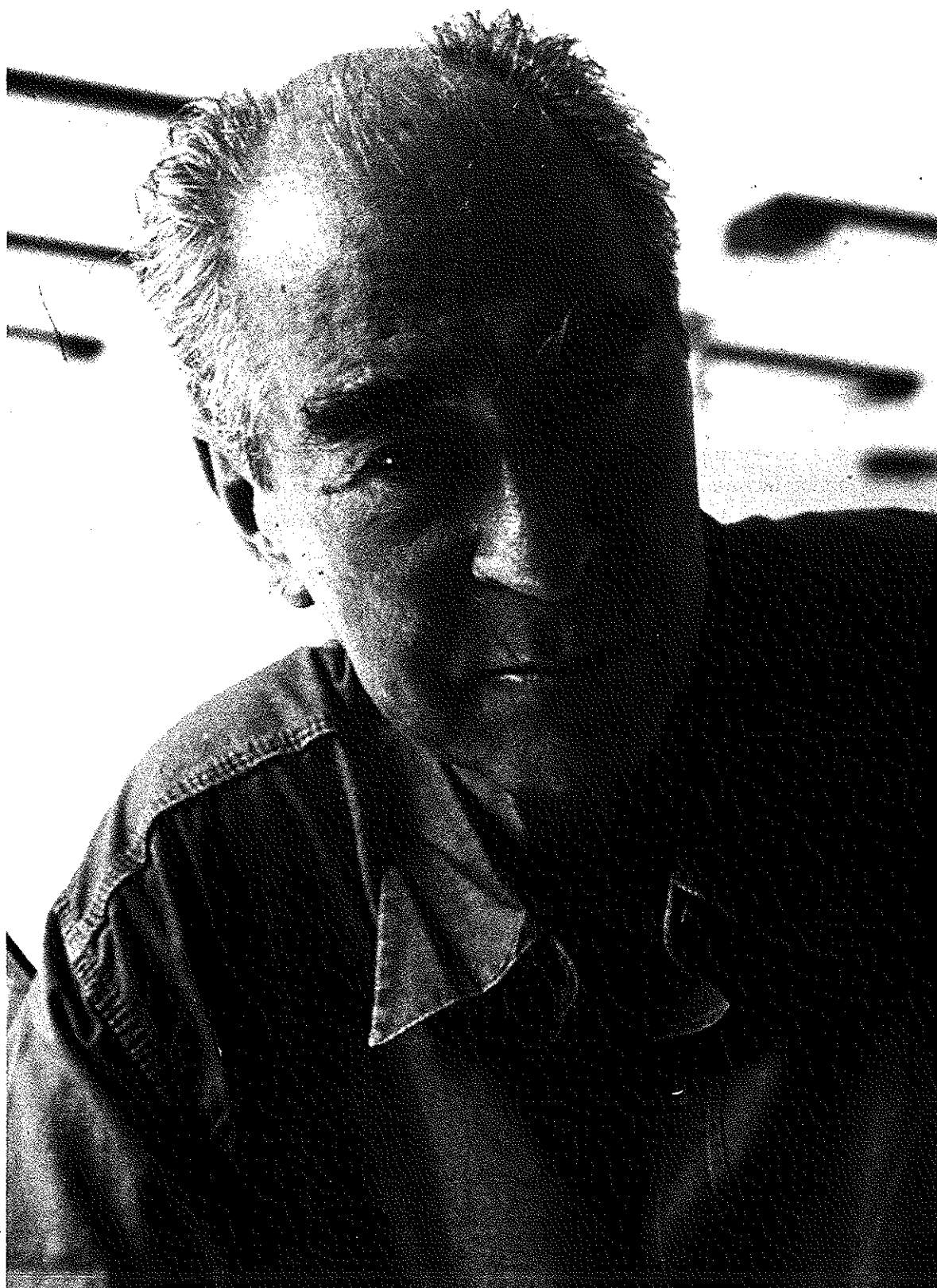


Foto: Luciane Garbin/Abril Imagens

Iberê Camargo

## ENTREVISTA

### Iberê Camargo

# Entre a arte e a cidadania

São poucos os assuntos que o pintor Iberê Camargo, 79 anos, não discute à sua maneira — com a verve que o caracteriza, mas também com a convicção de quem trabalha sobre sua própria arte, com afinco, e quase nunca com certezas prévias. O paradoxo torna-o um tipo até certo ponto temível para alguns de seus conterrâneos de Porto Alegre: não é incomum que Iberê ataque o governo — como fez contra Collor quando quase toda a mídia o incensava — ou mesmo contra os museus e instituições culturais — quando quase todos os artistas os preservam, por temor dos poderosos do momento. A última polêmica de Iberê Camargo foi contra o Museu de Arte do Rio Grande do Sul. As autoridades do Museu permitiram que uma de suas pinturas servisse de capa às listas telefônicas de Porto Alegre. O artista reclamou que não fora consultado a respeito; quando a direção do Museu o procurou, ele consentiu — mas já então as listas estavam circulando e a polêmica tinha saído à rua.

Assim também com o meio ambiente: Iberê não se alinha com qualquer ideologia prévia a respeito do tema, mas investe com fúria desabrida contra quem quer que seja se o assunto o incomoda. Caprichos de um artista, considerado quase que unanimemente o mais importante do País no momento? As respostas incisivas do pintor deixam claro que isso de ser o primeiro nunca o afetaram e que sempre foi assim, desde que saiu do Brasil para estudar com André Lhote, em Paris.

É o que fica desta entrevista concedida a Enio Squeff para a **Ambiente**. A se crer em Iberê Camargo, mais do que um rótulo, a integridade de um artista só tem sentido se a obra for uma extensão da vida e vice-versa. Por isso também suas opiniões sobre a arte, sobre a ecologia e todo o resto — mas sobretudo a sua própria obra que não se limita à pintura. Autor de um livro de contos (publicado pela L&PM), Iberê trabalha em suas memórias a serem brevemente editadas.

**Ambiente** — *Como artista o senhor afirma depender da natureza. Um dos aspectos que o ocupam, diz respeito precisamente ao problema da luz natural em seu ateliê. Ao que parece, contrariamente ao que o senhor afirma, o arquiteto que construiu seu ateliê não atentou para o aspecto quase animal do artista, isto é, para a necessidade que ele tem de trabalhar sob a luz natural. O senhor poderia falar sobre isso?*

**Iberê** — De fato, quando tive problemas aqui no meu ateliê, cheguei a comprar uma bússola para saber se estava no rumo certo. Agora, porém, soube que a prefeitura me permite alongar o ateliê; de modo que eu pretendo construir uma espécie de minhoca, só para ter a luminosidade ideal. Mas quando vocês me perguntam sobre isso, me ocorre uma outra reflexão: o pensamento da natureza está no animal; é que eu penso no seu instinto; e isto também constava do pensamento do homem primitivo. Foi depois disso que vieram os filósofos e todo o resto, que fizeram o emaranhado cultural que hoje conhecemos. Ou seja, inventaram Deus, e não sei mais o quê; mas desde então passamos a viver como dizia Dante sobre o Inferno na “Divina

Comédia”, isto é: “Eu me encontrava numa selva escura em que a via mestra se perdeu”. Acho que foi isto que aconteceu com o homem. Aliás, disse exatamente isso há pouco para o meu médico. É até prosaico: desde guri tenho problema de intestino: como se diz, tenho o intestino preguiçoso. Já consultei médicos de outros países inclusive, mas nenhum deles resolveu meu problema. Ora, em meu tempo de garoto, quando andávamos de charrete, eu notava que os cavalos se liberavam normalmente; nada de parar para se aliviar. Ou seja, se eu fosse como os animais, eu deveria me liberar normalmente. Nunca vi um cavalo se sentar num vaso sanitário para resolver este tipo de problema. E nunca vi igualmente um gato se suicidar com uma erva. O gato, que é onívoro como o homem, sabe exatamente qual a erva que deve comer. Já o homem se envenena. Foi por isso que eu achei que deveria tomar como mestres da minha vida os animais. Pois bem, no caso da luz se dá o mesmo. O homem nasce, vive e morre todos os dias. Quer dizer: ele nasce de manhã e morre com o fim do dia; é este, na verdade, o ciclo biológico dos ani-

mais. Mas quando se criou a luz artificial, o homem passou a viver uma outra realidade, uma realidade diferente do seu ciclo natural biológico. Tome o meu caso: eu saí do ciclo biológico da luz, porque eu não nasço e eu não morro, já que a luz que eu uso é permanente, é única, sem crepúsculo, uma luz sem amanhecer. É uma luz, portanto, muito ruim, tanto para a minha pintura como para mim mesmo. Então, ainda que aconselhado por outros, foi um erro que eu cometi ao deixar que a luz artificial predominasse em meu ateliê. Mas eu conto a minha experiência pessoal, como pintor, porque eu acho que esse negócio animal me parece bastante certo. E isso porque o animal não precisa modificar a natureza, ele vive segundo ela, que é a sua mãe.

**Ambiente** — *Pois esse é um tema que gostaríamos que o Sr. desenvolvesse melhor. Sabe-se que o senhor já pintou ao ar livre, consoante a concepção bastante divulgada durante o impressionismo; aquela que os franceses denominavam "plein air"; o senhor já foi "pleinarista", não?*

— tomava banho frio — andava de pé no chão ou em tambo, com o pé no barro e tal. Eu sou o produto de uma vida rural; e tenho dentro de mim todos os crepúsculos, tanto o morrer do sol como o despertar da luz. Sou um ser natural. Agora, o indivíduo que passa o dia com um "video game", abobalhado diante dessa caixa mágica infernal que não sabe pensar, que só sabe repetir, é produto de um "shopping center", que é o mundo do consumismo, mundo a que eu me oponho. Pois eu nego isso já que eu quero fazer o mundo com as minhas mãos, e fecundar crianças ou fecundar mulheres com a minha potencialidade e não apelando para desvios. Entenda-se, portanto: eu quero ser um ser natural e isso eu consegui ser. Foi isso, aliás, o que eu quis dizer.

**Ambiente** — *Há um aspecto na sua militância que se relaciona com a cidadania; ao que parece, o senhor vive repisando a necessidade da vigência da cidadania. Como é que o senhor vê isso?*

**Iberê** — Tenho uma amiga que foi editora de televisão e que me observou, um dia, o seguinte: Iberê, tudo

---

## Uma sociedade que não tem princípios éticos, dissolve-se, não existe como tal.

---

**Iberê** — Sim, comecei pintando paisagens, à beira de um riacho daqui de Porto Alegre; fiz isso enquanto não era perigoso. Meus primeiros quadros foram paisagens à beira do Arroio do Dilúvio daqui de Porto Alegre. E se pudesse, voltaria a fazê-lo. Pois o que fica, no fundo, é o velho questionamento sobre o homem. E eu não tenho como fugir dele. Veja, eu nunca fui abstrato; equivocou-se quem pensou que eu não tivesse os pés plantados na realidade visual. Mas a vida eu a entendo como uma caminhada. Quem caminha sempre encontra novas paisagens, novos personagens etc. e tal. Então era forçoso que acontecesse de eu um dia ter novas visões. Daí essas figuras que eu expus em São Paulo, e que constituem os sete quadralhões que eu mostrei na ocasião. Mesmo assim eu acho que adotei uma nova abordagem humanística, compreende? É que eu tenho a impressão de que na pintura, o homem está perdendo contacto com o homem. Tanto que quando eu converso com uma pessoa, a primeira coisa que eu quero saber é se ela é um ente natural ou um ente artificial. Ou seja, se tu és um ente artificial, não há porque iniciar qualquer conversa. Um ente natural eu o defino pelo que sou e fui. Eu nasci antes do rádio e da televisão, morei em lugar em que não existia luz elétrica, a luz era de lampião

o que você coloca em sua pintura, fala ao geral e não ao particular. Realmente, eu não estou aqui a mirar o meu umbigo. Mas existem coisas que exigem protestos públicos. Tome-se a capa das listas telefônicas de Porto Alegre onde foi publicado um quadro meu sem que eu fosse consultado. As pessoas pensam que eu estou indignado; não, eu não estou indignado com o Museu de Arte do Rio Grande do Sul que cedeu a imagem de um quadro que pertence ao seu acervo para ilustrar a capa das listas telefônicas. Longe de mim me indignar com um museu; ocorre que o que eu quero é ser tratado eticamente. Uma sociedade que não tem princípios éticos, dissolve-se, não existe como tal. E é o que falta a nós brasileiros. Falta-nos ética. Cruzamos o sinal fechado, pisamos nos canteiros, não respeitamos nossos vizinhos, cuspiamos na rua. Fazemos leis e as violamos diariamente. Portanto, não somos cidadãos. Se não temos conteúdo ético, não podemos nos definir como cidadãos, compreende? Então, quando eu reclamei de que não tinha sido consultado para que publicassem uma pintura minha sem que eu o autorizasse, eu o fiz mais como um alerta. Foi o que eu disse para o SBT que me veio entrevistar. É que o Brasil é um país muito ambíguo. Eu costumo comparar o que aconte-



ce com o nosso país com o que foi feito com os antigos israelitas. Moisés que era um sábio, um líder, e que subiu a um monte e que disse que falou com Deus — e isso eu já não sei —, mas, enfim, quando desceu, veio com os Dez Mandamentos que, bem ou mal, serviram para toda uma civilização; no Brasil, no entanto, acumulam-se leis e é o que se vê. Aporrelli, o humorista que se intitulava Barão de Itararé e a quem tive a honra de conhecer e de ser seu amigo, tinha certa vez que fazer uma prova na faculdade de medicina, onde estudava. E então ele apareceu com vários livros debaixo dos dois braços e quando o chamaram na banca e lhe fizeram uma pergunta, ele sem abrir qualquer dos volumes, virando-se para os calhamaços em cada um dos braços respondeu: "Bem, quanto a sua pergunta o senhor quer saber se é sim ou não, não é? Pois bem, esses daqui da minha direita dizem que sim, já os da esquerda dizem que não..." Para mim, neste momento, ele definiu qual é o espírito das leis do Brasil; daí os disparates, a situação em que vivemos. Há um episódio em minha vida que ilustra bem essa história. Eu estava no Rio de Janeiro, na Urca, onde o transporte

o que eu acho que está errado no mundo é a filosofia do homem moderno. Veja o caso desse cidadão que se diz presidente do Brasil: ele quer produzir carros populares que vão poluir mais ainda o ambiente; diz ele que é para dar trabalho para mais gente. Ora, a prostituição também exige mão-de-obra, mas só por isso nós vamos incentivar a prostituição? Logo, o que eu acho é que a filosofia do mundo é que está errada e que mesmo as pessoas de esquerda, para não falar dos operários, também estão nesta mesma embocadura e isso é curioso. Pois acontece que estas pessoas querem também a mesma coisa, isto é, o seu carro, mais um veículo poluidor e assim por diante. E isso é negativo, porque é isso que está levando o mundo ao sufoco. Tome-se o Brasil: nós já vivemos aqui neste país literalmente enjaulados, por problemas de segurança. Logo, eu gostaria de fazer uma sugestão: penso que os automóveis já deveriam ser pequenas jaulinhas, devidamente engradados. Seriam jaulinhas motorizadas. De modo que o sujeito sairia da sua casa já enjaulado e, depois, ao voltar para casa, ele poria a jaulinha menor na maior, na própria casa e assim por

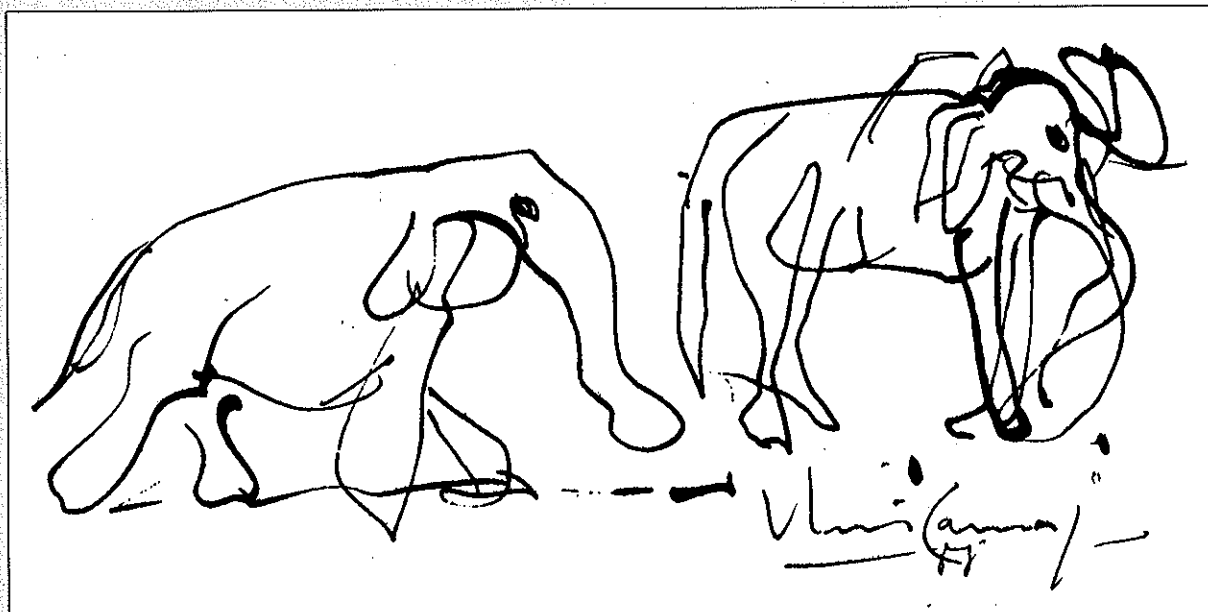


Ilustração extraída do livro "No andar do tempo". Iberê Camargo - L&PM Editores

é muito difícil, e fiz o sinal para um lotação: ele parou e o motorista me fez um sinal para que eu me acorrasse. Embora soubesse que não se podia viajar em pé, pois havia a fiscalização, achei estranho; mas não é que quando eu olho, vejo várias pessoas agachadas no fundo do veículo? Aí eu não aguentei, havia, inclusive, senhoras acorçadas. Então eu gritei: pára essa merda que eu vou até o fim do mundo a pé, mas não vou me prestar a isso, não. Pois é lógico: se o sujeito não me respeita, eu não posso exigir que me respeitem.

**Ambiente** — O senhor diz que é um ser natural — muito bem: como o senhor, que é um artista, que diz ter visto o crepúsculo e o amanhecer, como é que o senhor vê a questão da predação que acontece no Brasil?

**Iberê** — O homem é o único animal que destrói a casa onde mora. Isso é, no mínimo, uma aberração. Mas

diante. A continuar como está, tudo seria assim. Hoje, ainda, li uma notícia de que mataram um moço para lhe roubarem o tênis e a calça. Deixaram-no nu. E aí vem o padre Arns falar em caridade. Ocorre que o que nós temos hoje são os profissionais da caridade e da fé e não homens que amam e crêem. Apesar disso, a sociedade continua criando enxurradas de crianças que amanhã serão marginais. Mas do jeito que está, não vai dar certo. Vai haver um momento em que alguns vão se deitar e outros vão ficar de pé. Ora, será que os padres não vêem isso? Fazer caridade com dinheiro dos outros é muito bom. Neste sentido, porém, o que eu já conclui é o seguinte: a única realidade eterna do mundo é a morte. A nossa vida é um piscar de vagalume. E tanto é assim que o homem, em vida, não se sustenta 24 horas acordado, ele tem que morrer todas as noites. Todas as noites ele morre e renasce no dia seguinte. E o curioso

é que na própria arte os homens muitas vezes negam a realidade. Há quem diga que tal ou tal obra está muito real; ele quer a quimera, o sonho. E, no entanto, é na realidade que o homem está vivo, é só nela. Por isso o tema do animal: ele sabe como usar seu corpo, sabe como viver sua hora.

**Ambiente** — *O senhor fala disso no plano individual, mas e no âmbito mais amplo, qual a solução para um processo que prevê a destruição da natureza como forma de enriquecimento, como única maneira de uma sociedade se desenvolver?*

**Iberê** — Os que destroem alegam razões de ordem econômica: derrubam as árvores porque têm de vender, negociá-las, sobreviver e coisas do gênero. Existem as leis, como se sabe; mas tudo me parece estar sendo mal conduzido. Eu não entendo, por exemplo, de agronomia; mas já me disseram que o eucalipto entra nesta história de desmatamento como a típica compensação deletéria. Dizem que o eucalipto prejudica a terra; eu não sei se é isto, mas como há uma lei que obriga o sujeito que corta uma árvore a que ele plante outra no lugar, a solução passa a ser o eucalipto, que não traz os benefícios que deveria trazer; e então ficamos sempre naquela coisa em que o caminho do lucro é o mais curto. Mas isso, para mim, tem mais a ver com cabeça das pessoas do que com as leis ou as possíveis soluções. Acho que o problema do Brasil é fundamentalmente cultural.

**Ambiente** — *O fim do socialismo, por exemplo: que tipo de importância teria para nós?*

**Iberê** — Acho que é a morte de um grande sonho. Rousseau dizia que o homem nascia bom e que a sociedade é que o corrompia. Mas eu ponho em dúvida se isso é verdade. Não sei se o homem é tão bom assim. Tome-se o cristianismo: como teoria, o cristianismo é muito bonito, mas, ao longo da história, ele se desvirtua. Então, eu só posso concluir que cristão mesmo, o único que podemos distinguir com todos os seus valores, foi o próprio Cristo. O resto são pessoas que "sentaram praça", pessoas que se arrancharam e que fizeram do cristianismo um meio de vida; o que eu vejo, a partir de Cristo, é toda uma mímica, aquele formalismo e tal. Mas não acho também que a utopia tenha desaparecido do nosso horizonte. Um sonho não morre, o socialismo vai voltar, porque o capitalismo também não é a solução, já que é um regime de disputa, de ganância, de mata-esfola.

**Ambiente** — *Sob este aspecto, a modernidade é até interessante: ela reivindica um estar aqui hoje para se projetar no futuro. Como é que o senhor vê isso sob a ótica da sua obra?*

**Iberê** — Eu tenho consciência de que a história é muito monitorada. Veja o caso da arte. Hoje há um grupo de pessoas que gravitam em torno da obra de arte. Tem o crítico, o curador, o museu: todos querem pertencer àquele clã, todo o mundo quer fazer parte daquela casa dos eleitos e aí a pessoa termina por se corromper, por se negar, termina se desumanizando porque a lei e a ordem ensinam que deve ser assim. Por isso eu me sinto gratificado, porque o que eu faço não é um modismo, é um ato de amor.

**Ambiente** — *Isto sob o ponto de vista individual. Mas e no plano social, haveria isso também com a sociedade?*

**Iberê** — Li recentemente um livro intitulado "Psicologia da Fome" em que o autor conta de uma ninhada

de patos que desovou no momento em que um sujeito arrastava uma lata no pátio. Pois bem, aqueles patos adotaram a lata como mãe. Isso ele conta no livro; mas eu acho que nós, brasileiros, fomos igualmente adotados por uma lata; se eu fosse fazer um filme adotaria esse símbolo porque atualmente estamos sendo governados por uma lata, por um sujeito que não tem carisma, não tem nada. Ou seja, acho que somos, atualmente, filhos da lata.

**Ambiente** — *Aproveitando a deixa, dos pintores da história, qual os que o senhor mais admira?*

**Iberê** — Não são tanto os pintores, mas certas obras. Existem algumas que não saem mais da memória de quem quer que as conheça. Por exemplo: vendo a "Ronda Noturna" de Rembrandt, o impacto é tão grande que, perante ela, todas as teorias se desmontam. Hipólito Taine em um de seus livros diz que o sujeito que faz filosofia da arte é um filósofo perdido. Pode ser. Mas quando o sujeito pára diante da "Ronda Noturna", aí ele estaca,

---

## O homem é o único animal que destrói a casa onde mora.

---

porque melhor pintura não é possível fazer. Aquelas figuras têm algo além daquela tinta; elas carregam um espírito, uma verdade que não tem nada a ver com uma cabeça vazia: e isso contraria toda a teoria. Assim também o "Papa Inocência", de Velasquez, que está em Roma. É um quadro que impressiona. E as "Meninas", também de Velasquez, para não falar em algumas fases de Goya, são coisas que a gente não esquece mais, compreende? Parece que nestas obras está toda a arte, que toda a inquietação do homem ali está; ou seja, sabe-se que além da tinta, há também alguma coisa a mais. Quanto a isso, porém, esse negócio de dizer que pintura é cor, não tem muito sentido. As minhas cuecas têm cor, mas são pintura? Não é bem assim, isso é uma simplificação. Na pintura deve haver tudo o que há de conteúdo no homem. Todo o conteúdo do homem deve estar ali, como, aliás, está na literatura, na música, isto é, em toda a arte.

**Ambiente** — *E quanto aos pintores modernos ou contemporâneos?*

**Iberê** — É engraçado, já não sei se a arte moderna me interessa muito. Claro, Picasso é uma presença poderosa, mas no Rio vi há pouco uma exposição do Corbua-

sier, e achei aquilo tão velho, tão cansativo. Tome-se o Matisse: ele faz uma art-decô, é um sibarita, aquela coisa da cor, de forma, mulher bonita... As coisas são bem postas e eu não vou ser nenhum idiota de dizer que ele não tem valor, mas acho que lhe falta essa coisa que eu entendo ser a razão de vida, que é o expressar todo o sentimento, toda essa dor profunda que, no caso, eu tenho internamente, e que eu tenho que dizer e que não é uma arte de decorador. Aliás, eu não nasci para enfeitar. Não quero enfeitar paredes, pois há pintores que não são de enfeitar paredes. Tome-se o Rouault, por exemplo. Ele é mais místico que todos esses padres que andam por aí. Rouault era um místico. As vezes as pessoas confundem o religioso com o místico, mas não é bem assim. Eu tinha uma aluna que era freirinha e cuja superiora lhe pediu para que ela fizesse um quadro com flores. E eu então lhe disse: "Olha, não adianta, minha filha, você colocar num quadro os elementos que compõem o cenário religioso; isto não é religião. Pode-se colocar num quadro um altar, ou uma vela, tais procedimentos são como vestir uma pessoa de religiosa. Ocorre que vestir uma pessoa de uma coisa não a torna o que ela não é. É a tal história desses tais Centros de Tradição Gaúcha. Certa vez perguntei a um desses camaradas que participam desses Centros: "Mas, afinal, um pirata de carnaval, é pirata?" O importante, enfim, é a verdade

da coisa, a sinceridade e eu acho que a arte tem que ser fundamentalmente verdadeira.

**Ambiente** — *Mas a pintura brasileira estaria inserida nesta espécie de poluição pela impostura?*

**Iberê** — Sem dúvida. Uso um exemplo fora da pintura. O Procópio Ferreira foi um grande ator, nós sabemos; mas eu pergunto: quem sabe hoje quem foi Procópio Ferreira? Eu uma vez quis ouvir o grande soprano Bidu Sayão e liguei para a Rádio Ministério de Educação,

## A arte tem de ser fundamentalmente verdadeira.

do Rio, que só toca música clássica, e soube então que não tinha disco dela na rádio, porque como a Bidu viveu nos Estados Unidos, a coisa só podia ser obtida lá. Então, não temos memória e temos de nos basear na memória dos outros. Os norte-americanos neste ponto são mestres. Nos best-sellers, por exemplo, os autores norte-americanos se impõem, enquanto isso os autores nacionais têm que se contentar com um cantinho qualquer. Somos, de fato, culturalmente monitorados.

**Ambiente** — *Isso inclui os pintores do passado recente?*

**Iberê** — Não, pessoas como o Goeldi de quem eu fui amigo, e o Guignard, que foi um artista de verdade, um artista que viveu a sua arte, são pessoas que de mim merecem um respeito e uma saudade imensas. Não tinham nenhuma velhacaria, não eram matreiros, compreende?

**Ambiente** — *O senhor faz crítica ao consumismo: mas ele entra na arte também, ou não? E, neste caso, haveria alternativa?*

**Iberê** — Acho que não, pois isso exigiria uma sociedade diferente e depois da morte do socialismo, ou melhor, depois desse adormecimento, o que restou foi esse capitalismo selvagem, que não pode evidentemente ser o ideal do homem. A ganância, a disputa, a não fraternidade não podem ser o ideal do homem. Mas essa fraternidade não vai ser compensada por esses sabidões que vêm aqui e que são profissionais da fé — esse é o outro perigo, e aí ficaremos monitorados por uma espécie de idiotização coletiva. Ora, o problema do Brasil é que nós não temos grandes vultos e, se temos, ele não aparece. No entanto, já fomos melhores. Aqui mesmo em Porto Alegre tínhamos um nível de segurança e de bem-estar que hoje já não temos.

**Ambiente** — *E como é ser o primeiro pintor brasileiro, como dizem do senhor?*

**Iberê** — Eu nunca me preocupei com isso. O que penso, o que me preocupa é fazer a coisa com o máximo de verdade.

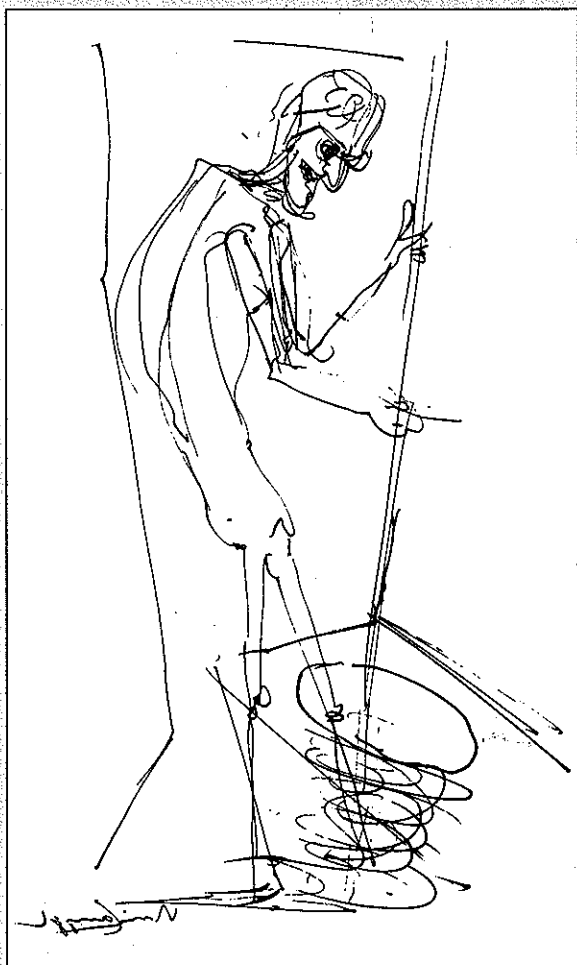


Ilustração extraída do livro "No andar do tempo", de Iberê Camargo — L&PM Editores.